

Que vence o mal,  
O orgulho e a dor,  
Que o pecador  
No coração  
Guarda com zelo,  
Cruéis imigos,  
Que são amigos  
Da perdição.  
Misericórdia,  
Assim espero,  
Almejo e quero  
Para que eu  
E os meus irmãos  
O mal deixemos  
E abandonemos  
Buscando o Céu.  
Por vossa causa  
O maior gozo,  
Esplendoroso,  
Desprezarei,  
Para que eu viva  
Na luz fulgente,  
Eternamente,  
Da vossa lei.  
Assim, Senhor,  
Minhalma aguarda  
A luz que tarda  
Ao mundo vão,  
Que há-de esplender  
Nos homens todos,  
Limpando os lodos  
Da imperfeição.  
Dominareis  
Toda a impiedade  
Pela verdade  
Que em vós transluz!  
E, servo, aguardo  
Do vosso amor  
Consolo à dor,  
Amparo e luz!

## Meditando

UM DESCONHECIDO

Eu fui daquelas almas que viveram  
Sem conhecer da Terra os paraísos,  
Que sômente a amargura dos sorrisos  
Pela noite das dores conheceram.

Não que eu fôsse infeliz e desditoso,  
Pois fui também humano entre os humanos,  
E através dos meus dias, dos meus anos,  
Se eu quisesse gozar, teria o gozo.

E' que ao sentir no âmago do peito  
A atitude do homem nessa vida,  
Coração enganado, alma iludida,  
Afastado do Puro e do Perfeito,

O meu ser que sonhara a Humanidade  
Qual um ramo de flores perfumosas,  
Viu as almas tremerem, desditosas,  
Sob o peso da própria iniquidade.

E isolado nos grandes sofrimentos  
De ser só, na aspereza dos caminhos,  
Encontrei o prazer pelos espinhos,  
Ao trilhar os carreiros dos tormentos.

Pois no mundo pequeno da minha alma,  
Quando em dor me envolvia a desventura,  
Eu vislumbra a luz brilhante e pura  
Que me trazia a paz, bonança e calma:

— Era a luz que me vinha da visão  
De ver o Cristo-Amor, entre cansaços,  
E tinha então prazer de ver meus braços  
Enlaçados na cruz da provação.

## O nobre castelão

UM DESCONHECIDO

No interior  
Do esplêndido alcaçar,  
Agonizava o senhor  
Dos domínios extensos.  
O dono do solar  
Nos espasmos intensos  
Da agonia,  
Em torno dirigia  
Um último olhar,  
E viu então  
O seu brasão  
Invicto e glorioso,  
Insculpido nas fúlgidas realezas  
Do castelo formoso,  
Transbordante de glórias e riquezas!

Mais alongando a vista,  
Viu-lhe o feito da esplêndida conquista  
Nas grandiosas searas,  
Que em suas mãos avaras  
Foram armas cruéis, destruidoras,  
Martirizando as almas sofredoras.



Contemplou seus tesouros passageiros,  
E em espasmos convulsos, derradeiros,  
    Opresso o coração,  
Mergulhado no pranto mais profundo,  
    Expirou para o mundo  
    O nobre castelão.  
A sua alma despida das grandezas,  
Das terrenas, efêmeras realidades,  
Bem após o transcurso de alguns anos  
    De triste letargia,  
    Foi um dia  
Despertada em amargos desenganos:  
Conturbado por agros dissabores,  
Contemplou seu solar  
Ocupado por outros moradores...  
    A exclamar,  
    Estranhou revoltado,  
Que ninguém acudisse ao seu chamado.  
    E em atitude austera,  
    Tomado de energia,  
    De cólera severa  
    Já que ele era o senhor,  
Reclamou os seus servos com calor  
E, entretanto, nenhum lhe obedecia.  
    Imerso em turvação,  
    Sòmente, às vezes,  
Escutava nos ditos mais soezes  
    Terrível maldição  
Das vítimas de antanho!  
E o sofrimento era tamanho  
Em ser incompreendido,  
Que se julgou perdido  
    Irremissivelmente.  
Assim, constantemente,  
Durante o transcorrer de muitos dias,  
Conservou-se naquelas cercanias  
    Como presa feroz  
Do sofrimento atroz,  
De contínuos pesares e agonias...

Todavia,  
O pobre sofredor,  
No auge do amargor,  
Recordou-se que havia  
Um Pai Onipotente,  
    E cheio de fervor,  
    Humilde penitente,  
    Implorou seu amor  
Numa súplica em lágrimas de pena.  
    Sua alma sofredora  
Sentiu-se então mais calma e mais serena,  
Penetrada de doce claridade,  
De luz confortadora,  
Que provinha de alguém  
    Que lhe fazia  
Meditar na grandeza da Verdade  
    E lhe dizia  
Da beleza do Amor, da Luz, do Bem: —  
«O que sofres, amigo, é a consequência  
Da equívoca existência  
    Que levaste,  
Já que sem piedade aniquilaste  
Muitas almas e muitos corações,  
Que hoje te envolvem os lúridos momentos  
    Em rudes sofrimentos  
    E estranhas maldições.

Porque ocultaste as flores formosas  
    Que na Terra colheste,  
    Flores lindas que nunca ofereceste  
    Às almas desditosas?  
Porque não concedeste um só bocado  
    Do teu pão abundante  
    Ao pobre esfomeado?  
Ocupando-te em gozo, a todo o instante,  
Jamais vestiste os nus, nem consolaste  
    Aquele que sofria;  
Desprezavas o fraco e nunca amaste  
    Quem de ti carecia!

A caridade,  
O sentimento-luz, a flor-tesouro,  
Não tiveste em teus dias de maldade  
No grande sorvedouro!  
Porém, o Deus de Amor  
E' sempre o magnânimo Senhor,  
E permite que voltes aos humanos,  
Para que se dissipem teus enganos  
No amargor;  
Voltarás,  
Porém, já não terás  
Efêmeras venturas,  
Serás agora escravo e não senhor...  
Conhecerás  
As dores e amarguras,  
As mágoas escabrosas  
Pelas estradas rudes e espinhosas!

Abençoa o Senhor  
Que te concede a dor,  
Para assim compreenderes  
Que os reais e legítimos prazeres  
Que da vida nos vêm,  
Não residem no Mal e sim no Bem.»

## Nesga de Céu

UM DESCONHECIDO

x  
A alma extasiada  
Sobe... sobe...  
Há toda uma amplidão iluminada  
À sua vista...

A estrada  
E' uma etérea alfombra  
Sem resquícios de sombra!  
E' o domínio da luz que ela conquista!

Vibra no ar  
Dulcíssima harmonia,  
Como se fôra feita  
De luar,  
De alegria...  
De alegria perfeita.

Parece um hino de amor  
Dos Paganínis siderais,  
A ventura, o fulgor,  
Transformados em notas musicais.

Além, fulguram sóis;  
Em tudo há um misto  
Nunca visto  
De manhãs e arrebóis.



Aos clarões dessa aurora,  
A alma chora  
Em êxtase profundo.

E lembra-se que sofreu,  
Que amou, que padeceu.

Ao longe, muito ao longe,  
O mundo  
E' um ponto negro que gira...

Ainda além, mais além,  
A Via-Láctea transluz,  
Como um éden de luz  
E de amor.

Negas do céu, imagens de esplendor,  
Cenários majestosos,  
Soberbas harmonias  
Nos mundos luminosos!

Seres que passam rápidos, flutuantes,  
Sorridentes, radiantes,  
Nos espaços sem termos, onde a vida  
E' a imortalidade  
Anelada, querida,  
De pureza, de beleza,  
De perfeição e de felicidade!

Em baixo as vastidões,  
Em cima, as emoções  
Do Ilimitado.

Atrás a noite e as mágoas de agonia  
Do passado;  
E, em frente,  
Um futuro esplendente  
Pintalgado de rosas,  
Da mais pura alegria.

Feito de éter, de sonho,  
O caminho é risonho,  
Recamado de flores perfumosas.

Melodia, luz, aroma!...  
De repente,  
Numa nesga de céu resplandecente  
Assoma  
Uma rútila esfera,  
Como um país de doce primavera,  
Intérmina de gozos!...

A alma se extasia  
Na luz do Eterno Dia.  
Com os pensamentos puros e radiosos,  
Ora a Deus:

Recorda em prece os sofrimentos seus,  
Evoca as lágrimas vertidas!  
Contempla panoramas de outras vidas,  
Vidas de estranha dor...

Mas cada gota amarga dos seus prantos

Agora  
E' um raio de aurora,  
Que um a um  
Vão formando uma auréola  
De brilhos santos,  
Que a engrinalda de luz.

Em suavíssima unção,  
A pobre alma orando,  
Chorando,  
Nessa prece  
Reconhece  
A alvorada de sua redenção!